

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
MATHEUS LUIZ BERNARDO DOS SANTOS**

**A INTERPRETAÇÃO FEUERBACHIANA DO FUNDAMENTO
DO CRISTIANISMO**

JUIZ DE FORA

2023

MATHEUS LUIZ BERNARDO DOS SANTOS

**A INTERPRETAÇÃO FEUERBACHIANA DO FUNDAMENTO
DO CRISTIANISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário Academia, como requisito parcial para à obtenção do título em Licenciatura.

Orientador: Profº. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira

Juiz de Fora
2023

SANTOS, Matheus Luiz Bernardo dos. **A Interpretação Feuerbachiana do Fundamento do Cristianismo**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Graduação em Filosofia, do Centro Universitário Academia, realizado no 2º semestre de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira
Orientador (UniAcademia)

Prof. Dr. Pe. Paulo Roberto Gomes
(UniAcademia)

Profª. Dra. Mabel Salgado Pereira
(UniAcademia)

Examinado em: 05/12/2023.

Dedico este trabalho, com imensa alegria à minha família amada, em especial a minha mãe Jucilene, meu pai Jaime, minha irmã Maira e meu amigo Marcielison, por me possibilitarem reflexões profundas sobre a experiência humana.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder a vida e a capacidade reflexiva para realizar esta pesquisa.

Ao meus pais, Jucilene e Jaime, pela presença e o exemplo.

À minha irmã, Maíra, por ser motivo de inspiração e orgulho.

Ao professor Rômulo, por me orientar neste trabalho e por seu amor à filosofia.

Ao amigo Padre Paulo por me presentear com sua presença e amizade.

Aos reverendíssimos senhores padres Antônio Marcio, Valdemar Tadeu pela motivação nesta caminhada, principalmente no êxito deste trabalho, serei eternamente grato pela presença dos senhores em minha vida.

Ao amigo, Marcelielson Fernandes Ribeiro, pelo incentivo e apoio durante este tempo, o quanto se empenhou para que pudesse se fazer presente neste momento, passado tantos dias de tristezas, hoje com muito empenho, amor, se faz presente para alegrar-se comigo. Minha gratidão será eterna por tudo que fez e faz como ajuda para o meu crescimento.

Ao amigo Jonathas Eleutério Milagre, pela força, ajuda mútua, por estar sempre junto, gratidão pelos cinco anos de convivência e pela amizade duradoura de alguns anos. A todos que de alguma forma me ajudaram, estabelecendo laços fraternos de amizade, rogo a Deus pela vida de vocês.

Consciência de Deus é autoconsciência,
conhecimento de Deus é autoconhecimento.
Ludwig Feuerbach

RESUMO

Santos, Matheus Luiz Bernardo dos. **A Interpretação Feuerbachiana do Fundamento do Cristianismo**. 42 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Filosofia). Centro Universitário Academia. Juiz de Fora, 2023.

O trabalho, intitulado **A Interpretação Feuerbachiana do Fundamento do Cristianismo**, busca estudar as motivações relevantes à busca pelo autoconhecimento humano e pela compreensão da divindade, com um foco particular no cristianismo, utilizando a filosofia de Ludwig Feuerbach como base. O autor destaca a importância de entender a essência real e concreta da existência humana, argumentando que a filosofia pode ser uma ferramenta valiosa para os crentes em sua busca pelo entendimento de sua fé cristã. Feuerbach, um filósofo do século XIX, desafia a filosofia especulativa de Hegel ao argumentar que a verdade deve ser encontrada na realidade sensível e concreta, em oposição a um princípio abstrato e teológico. Ele enfatiza que a religião, especialmente o cristianismo, projeta noções divinas que são, na verdade, reflexos das características humanas, como razão, amor e vontade. Portanto, a religião, em particular o cristianismo, é uma projeção da humanidade em busca de significado e redenção. O trabalho se desdobra em três capítulos: o primeiro explora a natureza do homem como realidade sensível, o segundo analisa como o homem é o verdadeiro originador da religião e o terceiro, explora-se os limites da crítica de Feuerbach em relação ao cristianismo, considerando as perspectivas de pensadores contemporâneos. Por fim, para o desenvolvimento do presente artigo serão utilizadas, além da obra principal, algumas obras complementares numa pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo.

Palavras-chave: Ludwig Feuerbach. Antropologia. Religião. Cristianismo. Divindade.

ABSTRACT

The work, entitled *The Feuerbachian Interpretation of the Foundation of Christianity*, seeks to study the motivations relevant to the search for human self-knowledge and understanding of divinity, with a particular focus on Christianity, using the philosophy of Ludwig Feuerbach as a basis. The author highlights the importance of understanding the real and concrete essence of human existence, arguing that philosophy can be a valuable tool for believers in their quest to understand their Christian faith. Feuerbach, a 19th century philosopher, challenges Hegel's speculative philosophy by arguing that truth is to be found in sensible, concrete reality, as opposed to an abstract, theological principle. He emphasizes that religion, especially Christianity, projects divine notions that are actually reflections of human characteristics such as reason, love and will. Therefore, religion, in particular Christianity, is a projection of humanity in search of meaning and redemption. The work unfolds into three chapters: the first explores the nature of man as a sensitive reality, the second analyzes how man is the true originator of religion and the third explores the limits of Feuerbach's criticism in relation to Christianity, considering as perspectives of contemporary thinkers. Finally, for the development of this article, in addition to the main work, some complementary works will be used in a bibliographical research of a qualitative nature.

Keywords: Ludwig Feuerbach. Anthropology. Religion. Christianity. Deity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FEUERBACH: SEU TEMPO, SUA VIDA E SUAS OBRAS	12
2.1 O SÉCULO XIX E O CENÁRIO FILOSÓFICO-RELIGIOSO.....	12
2.2 LUDWIG FEUERBACH: VIDA, INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES.....	13
2.3 RELEVÂNCIA HISTÓRICA E FILOSÓFICA DA OBRA DE FEUERBACH	14
2.4 A RELIGIÃO COMO REVELAÇÃO DA VIDA ÍNTIMA DO SER HUMANO	15
3 A VERDADEIRA ORIGEM DA CONCEPÇÃO DE DEUS E DA RELIGIÃO: A HUMANIDADE	21
3.1 O ENFOQUE HUMANISTA DE FEUERBACH.....	21
3.2 A FÉ COMO DIVERGÊNCIA NA NATUREZA HUMANA.....	23
3.3 DEUS E A RELIGIÃO: REFLEXO INTERNO DO ANSEIO HUMANO	24
3.4 A NATUREZA DA FÉ É A NATUREZA DO SENTIMENTO	26
3.5 A PERCEPÇÃO FEUERBACHIANA DA NATUREZA DIVINA COMO ANTROPOLÓGICA.....	27
4 OS LIMITES DA CRÍTICA DE FEUERBACH	31
4.1 CRÍTICA A CONCEPÇÃO FEUERBACHIANA DA RELIGIÃO	31
4.2 REDUCIONISMO E COMPLEXIDADE DA RELIGIÃO.....	33
4.3 ANÁLISE DAS CONSEQUÊNCIAS ATÉISTICAS.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A relação entre filosofia e religião tem sido objeto de interesse e análise ao longo da história. Dentre as abordagens filosóficas que se dedicaram a examinar a religião, destaca-se a interpretação feuerbachiana presente na obra **A Essência do Cristianismo**. Ludwig Feuerbach, filósofo alemão do século XIX, ofereceu uma perspectiva singular sobre o fundamento do cristianismo, desvelando as implicações antropológicas e psicológicas subjacentes às crenças religiosas.

Este trabalho tem como objetivo principal realizar uma análise da interpretação feuerbachiana do fundamento do cristianismo, tal como apresentada em sua obra **A Essência do Cristianismo**. Pretende-se compreender de que maneira Feuerbach aborda os alicerces do cristianismo através de uma lente crítica e antropológica.

Com base no objetivo geral, os objetivos específicos deste estudo são os seguintes: contextualização da obra **A Essência do Cristianismo** no cenário histórico e filosófico do século XIX, enfatizando o seu papel central no pensamento de Feuerbach; exame das principais ideias propostas por Feuerbach em sua interpretação do cristianismo, explorando como ele critica a concepção convencional de Deus, discute a noção de alienação humana e analisa a interseção entre religião e psicologia e análise das implicações das críticas feuerbachianas para a compreensão da religião e da fé, considerando o conceito de projeção antropológica e a busca por uma emancipação genuína da condição humana. Além disso, será dedicada atenção aos limites das críticas feuerbachianas e como essas críticas dialogam com outras abordagens filosóficas, como as apresentadas por Urbano Zilles em *Filosofia da Religião*.

Através da realização desses objetivos, esta pesquisa pretende iluminar a abordagem crítica de Feuerbach em relação ao cristianismo, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da interseção entre filosofia e religião, e enriquecendo o diálogo contínuo sobre as dimensões culturais e humanas da fé.

No âmbito da filosofia da religião, linha de pesquisa deste trabalho, a interpretação das bases e dos fundamentos do cristianismo tem sido objeto de reflexão e debate ao longo dos séculos. Diante do exposto, a questão central deste

trabalho é: como Feuerbach interpreta a origem ou o fundamento do cristianismo em sua obra **A Essência do Cristianismo**?

Partindo da análise dessa obra principal do filósofo e considerando as contribuições de outras fontes, é possível supor como hipótese que o autor interpreta o fundamento do cristianismo como movimento antropológico, um reflexo das aspirações, anseios e projeções humanas. Sua interpretação crítica sugere que as representações tradicionais de Deus são, na verdade, uma exteriorização das qualidades humanas, abordando temas como alienação e busca por emancipação. E, por conseguinte, essa interpretação feuerbachiana oferece uma perspectiva provocativa sobre a relação entre religião, psicologia e sociedade, e continua a ser relevante para a compreensão contemporânea da fé e da religião.

A relação entre filosofia e religião é uma questão complexa e fascinante que tem ocupado pensadores ao longo da história. Nesse contexto, a interpretação que Feuerbach apresenta do fundamento do cristianismo se destaca como um ponto crucial para a compreensão das dinâmicas entre crença religiosa, psicologia humana e estruturas sociais a partir da modernidade.

A relevância de abordar esse tema reside no fato de que as críticas e análises feuerbachianas ainda ecoam nos debates contemporâneos sobre religião e sociedade. O filósofo alemão se impõe, com seu pensamento, como um divisor de águas entre teísmo e ateísmo ocidental; entre espiritualismo e materialismo; entre realismo imanentista e dualismo/dualidade transcendentalista. Compreender como Feuerbach desvela as raízes humanas subjacentes às crenças religiosas pode lançar luz sobre as motivações e efeitos das religiões na vida das pessoas, contribuindo para uma discussão mais informada sobre questões religiosas, espirituais e culturais.

Além disso, investigar as limitações e alcances das críticas de Feuerbach, em diálogo com a perspectiva de Urbano Zilles, permite uma análise crítica da própria interpretação feuerbachiana e abre espaço para considerações mais amplas sobre a compatibilidade entre fé e razão, bem como sobre o papel da religião na sociedade atual.

Este trabalho se justifica também pela necessidade atual de se revisitar criticamente as análises da obra **A Essência do Cristianismo** e seu impacto no entendimento do cristianismo e da religião como um todo. Ao explorar essa

abordagem, espera-se contribuir para a expansão das discussões acadêmicas sobre filosofia da religião, permitindo uma compreensão mais rica e multifacetada da interação entre pensamento religioso e pensamento filosófico.

A segunda seção ou primeira parte do desenvolvimento deste trabalho contextualizará a obra **A Essência do Cristianismo** e seu ambiente histórico, estabelecendo as bases para a compreensão das ideias de Feuerbach. A análise do conteúdo desta obra permitirá uma imersão no universo filosófico feuerbachiano, ressaltando sua abordagem inovadora em relação à religião e ao cristianismo em particular.

Na terceira seção, a interpretação do filósofo sobre o cristianismo será cuidadosamente explorada. Através da análise de trechos selecionados de sua obra principal e de fontes complementares como **Preleções sobre a Essência da Religião**, outra obra do mesmo autor, será apresentada a perspectiva feuerbachiana de que as características atribuídas a Deus são, na verdade, projeções das aspirações e anseios humanos. Será examinado como Feuerbach desvela a alienação humana inerente às representações religiosas e como ele argumenta que a verdadeira essência divina é, na realidade, a própria essência humana.

Na quarta seção, serão discutidos os limites e as possíveis críticas à abordagem feuerbachiana. Com base nas ideias de Zilles, presente no livro **Filosofia da Religião**, da editora Vozes, esse capítulo explorará os pontos em que as críticas feuerbachianas podem ser questionadas ou refinadas. Será realizado um estudo das implicações da interpretação de Feuerbach, abrindo espaço para uma reflexão mais ampla sobre os alcances e limitações de seu pensamento.

Por fim, as considerações finais recapitularão os principais pontos abordados ao longo deste trabalho e fornecerão um panorama conclusivo sobre como a interpretação feuerbachiana do fundamento do cristianismo continua relevante para a compreensão contemporânea da religião e da filosofia.

2 FEUERBACH: SEU TEMPO, SUA VIDA E SUAS OBRAS

No contexto do século XIX, uma época permeada por mudanças profundas e questionamentos filosóficos, destaca-se a figura notável de Ludwig Feuerbach. Sua vida e suas obras desempenharam um papel crucial no desenvolvimento do pensamento da época, deixando uma marca indelével na história da filosofia. Feuerbach, figura intrínseca a seu tempo, teve sua vida entrelaçada com as complexidades da época, marcada por significativas mudanças sociais, políticas e culturais. Sua obra, reflexo dos movimentos de seu tempo, transcende as fronteiras do convencional, explorando as nuances do humano, da sociedade e da religião. Neste capítulo, dedicado ao contexto histórico, intelectual e biográfico de Feuerbach, apresentam-se as camadas de um legado filosófico, cujos desdobramentos alcançam os dias atuais.

2.1 O SÉCULO XIX E O CENÁRIO FILOSÓFICO-RELIGIOSO

Conhecido por ser um período marcante e de tumulto no decorrer da história, o século XIX ficou caracterizado por um conjunto complexo de mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais. A Revolução Industrial estava em pleno curso, transformando profundamente a sociedade e a economia. Novas tecnologias e formas de produção emergiram, alterando as relações de trabalho e a organização das cidades. Essas transformações tiveram um impacto significativo nas estruturas sociais e nas perspectivas das pessoas em relação à vida, ao trabalho e à religião (FONSECA, 2015).

No âmbito filosófico, o século XIX foi um período de efervescência intelectual, com uma multiplicidade de correntes de pensamento em competição. Dos desdobramentos do Iluminismo ao Romantismo, do Racionalismo ao Idealismo, os filósofos e pensadores da época estavam engajados em debates fundamentais sobre a natureza do conhecimento, a relação entre razão e fé, e a compreensão do papel da religião na vida humana.

No contexto religioso, esse século testemunhou o crescimento e a diversificação dos movimentos religiosos e espirituais. Ao mesmo tempo, a crítica às

instituições religiosas e às crenças tradicionais ganhou força. O desenvolvimento das ciências naturais também teve o efeito de mudar as interpretações religiosas do mundo isso cria tensão entre fé e razão.(HERVIEU-LÉGER; WILLAIME, 2009).

As questões filosóficas e religiosas se entrelaçaram de maneira profunda nesse período. A busca por respostas sobre a existência, o propósito da vida e a natureza da realidade foi central tanto na filosofia quanto na religião. Muitos pensadores buscavam conciliar as descobertas científicas com suas crenças religiosas, enquanto outros, como Feuerbach, optaram por adotar uma abordagem mais crítica e desafiadora em relação à religião.

Dentro desse contexto, a obra de Feuerbach **A Essência do Cristianismo** emergiu como uma voz crítica que confrontou os aspectos fundamentais das crenças religiosas, apontando para a necessidade de uma análise mais profunda das motivações humanas subjacentes à fé. A influência desse período turbulento e das questões filosófico-religiosas intensas sobre Feuerbach se reflete de maneira inegável em sua obra, marcando-a como uma contribuição significativa para a compreensão da religião e da filosofia nesse período de transição e transformação.

2.2 LUDWIG FEUERBACH: VIDA, INFLUÊNCIAS E CONTRIBUIÇÕES

Ludwig Andreas Feuerbach, nascido em 1804 na Alemanha, emergiu como uma figura proeminente na tradição filosófica alemã do século XIX. Sua vida e formação foram fortemente moldadas pelo contexto intelectual e cultural da época, bem como pelas influências de outros pensadores contemporâneos e das correntes filosóficas em voga.

Feuerbach estudou filosofia nas universidades de Heidelberg e Berlim, onde entrou em contato com as diversas correntes de pensamento da época, incluindo a filosofia idealista de Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Este exerceu uma influência profunda sobre Feuerbach, que, posteriormente, distanciou-se das ideias de seu mentor (SAYERS, 2013).

A filosofia hegeliana, com sua ênfase na dialética e no desenvolvimento histórico, deixou uma marca indelével em Feuerbach, mas também gerou

descontentamento. Foi nesse ambiente que começou a formular suas próprias ideias, que mais tarde se tornaram centrais em sua interpretação do cristianismo ficando conhecido por sua crítica à teologia tradicional e sua abordagem antropológica e materialista. Ele argumentava que as crenças religiosas refletiam, na verdade, projeções das aspirações humanas e das necessidades psicológicas. Feuerbach via na religião uma forma de alienação, em que as características humanas eram atribuídas a um ser divino externo (FEUERBACH, 2013).

Sua obra mais influente, **A Essência do Cristianismo**, publicada em 1841, provocou um impacto considerável na filosofia e na teologia de seu tempo. Ao abordar a religião como uma manifestação da essência humana, Feuerbach desafiou as concepções tradicionais de Deus e a relação entre o divino e o humano. Sua perspectiva crítica ecoou através das décadas, influenciando pensadores posteriores e continuando a alimentar debates sobre religião, filosofia e psicologia.

Feuerbach também desempenhou um papel na formação do pensamento de Karl Marx e Friedrich Engels (CHAGAS, 2013), influenciando o surgimento do materialismo histórico e o desenvolvimento do socialismo científico. Assim, a vida e as contribuições de Ludwig Feuerbach refletem o clima intelectual do século XIX, marcado pela efervescência filosófica e religiosa. Suas ideias inovadoras deixaram uma marca duradoura na filosofia da religião e continuam a inspirar reflexões críticas sobre a natureza da fé, da religião e da condição humana.

2.3 RELEVÂNCIA HISTÓRICA E FILOSÓFICA DA OBRA DE FEUERBACH

A Essência do Cristianismo parte da premissa de que Deus, tal como é concebido na teologia cristã, é uma projeção das características humanas. Feuerbach (2013) argumenta que as qualidades e virtudes atribuídas a Deus, como amor, justiça e onisciência, são, na verdade, reflexos das aspirações humanas. Ele sustenta que os seres humanos projetam essas características em um ser divino externo como uma forma de expressar suas próprias necessidades e desejos.

Feuerbach (2013) também examina a relação entre Deus e o homem na perspectiva cristã. Ele argumenta que a religião tradicional coloca Deus como um ser

separado e superior, o que gera uma sensação de alienação e dependência dos seres humanos em relação a esse Deus. Feuerbach propõe que a verdadeira essência divina é a própria essência humana, e que a religião deve ser entendida como uma forma de autorrealização e emancipação humana.

A análise crítica vai além da crítica à teologia e se estende à psicologia religiosa. Ele explora como as crenças religiosas são um reflexo das emoções e necessidades humanas, como o medo da morte, o desejo de amor e a busca por significado. Ao desmistificar as representações religiosas, Feuerbach busca liberar os seres humanos da alienação e da opressão que ele acredita estarem presentes na religião convencional (SOUZA, 2012).

Além disso, a obra possui um impacto social, uma vez que propõe uma abordagem que ressalta a importância das relações humanas, da empatia e do amor mútuo como uma alternativa ao foco no divino. Sua crítica à religião institucionalizada também ecoa com questões contemporâneas relacionadas à influência da religião nas estruturas de poder e nas relações sociais.

Assim, **A Essência do Cristianismo** desafia as concepções tradicionais de Deus, religião e fé, lançando uma nova luz sobre a natureza humana e as motivações subjacentes às crenças religiosas. As análises e argumentos apresentados por Feuerbach continuam a suscitar reflexões profundas sobre a relação entre religião, psicologia e filosofia, fazendo de sua obra uma contribuição duradoura para a compreensão da fé e da condição humana.

No contexto histórico do século XIX, a religião desempenhava um papel central na vida das pessoas e na organização das sociedades. A abordagem crítica de Feuerbach, que desafiava diretamente as concepções tradicionais de Deus e da religião, provocou uma ruptura significativa. Sua obra questionava as bases das crenças religiosas, estimulando debates profundos sobre a natureza da fé e da religião em uma época em que o questionamento era cada vez mais aceito (SOUZA, 2012).

2.4 A RELIGIÃO COMO REVELAÇÃO DA VIDA ÍNTIMA DO SER HUMANO

A princípio, importa destacar que o pensamento filosófico de Feuerbach nos apresenta uma descrição que se pode chamar de antropológica e sociológica do Deus

que, segundo ele, o próprio ser humano, em seu comportamento religioso - a confissão de fé - projeta como uma entidade aparentemente externa, autônoma e divina.

O Deus presumido e imaginado pelo ser humano de carne e osso seria a manifestação do mundo interior do ser humano, de seus desejos íntimos, suas carências, seus sonhos etc. Essa projeção destaca os ideais humanos traduzidos ou formulados de forma imaginativa. Como consequência dessa consideração, pode-se afirmar que a transposição de nossos predicados para a linguagem poética e imaginativa de ideias, preocupações e desejos profundos humanos torna a religião uma criação humana, ou seja, a religião se tornou humanizada.

Os dois primeiros capítulos que introduzem **A Essência do Cristianismo** destacam os princípios fundamentais com os quais Feuerbach trabalhou ao longo de sua obra. Tanto nesses dois capítulos quanto nos capítulos 23 e 24 e, de fato, em toda a obra, encontra-se um tema que pode ser considerado como central: o ser humano concreto, o ser humano de carne e osso.

Visto que esse é o principal interesse de Feuerbach, é importante assinalar que o ponto de partida em **A Essência do Cristianismo** é o problema da religião. Feuerbach argumenta que uma religião que se professa sem ser pensada obscurece a mente humana (FEUERBACH, 2013).

No entanto, a religião gesta em seu ventre uma verdade não aparente, mas real: a imagem que o ser humano faz de sua própria afirmação. Portanto, é essa verdade que está em foco para ser abordada e purificada daquilo que a credulidade teológica atribui a ela. Essa gênese eleva-se ao domínio do sobrenatural, dando-lhe existência na realidade. Também é necessário estudar esse fenômeno longe das atribuições da ontologia idealista, que busca divinizar o exercício da razão para projetá-lo e deixá-lo repousar no espaço abstrato do pensamento puro (CHAGAS, 2014).

Esse discernimento levará, de mãos dadas com Feuerbach, a sentir e compreender a verdade da religião. É importante notar, como o autor destaca, que esse estudo não se caracteriza pela originalidade, mas sim por revelar o que a religião tem dito sobre si mesma ao longo do tempo, sem que tenha sido examinada com a devida atenção e sem que tenha se dado o devido valor a sua origem, em certa

medida, material: “o ente real ou o mais real possível, o verdadeiro *ens realissimum*: o homem e não a substância de Spinoza, nem o Eu de Kant e Fichte, nem a identidade absoluta de Schelling, nem o espírito absoluto de Hegel”, isto é, “nenhum princípio abstrato ou somente pensado ou imaginado desta filosofia que produz o pensamento retirando-o do seu oposto, da matéria, da essência, dos sentidos.” (FEUERBACH, 2013, p. 25). O homem é homem porque possui consciência de si mesmo. No entanto, ter consciência de si mesmo é abrir-se ao infinito; a partir desse fato surge a religião. Consciência, infinitude e religião são diretrizes que, para Feuerbach, devem conduzir à afirmação da existência. Esse interesse revela em Feuerbach uma profunda atitude humanista que, retirada do seio da religião, emancipa, no entanto, o homem religioso. Portanto, o filósofo afirma que:

A religião compreende todos os objetos do mundo. Tudo que existe já foi objeto da adoração religiosa; na essência e na consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo. A religião não tem um conteúdo próprio, especial. Mesmo os sentimentos de medo e terror tinham em Roma o seu templo. Também os cristãos transformavam fenômenos psíquicos em essências, seus sentimentos em qualidades das coisas, as afeições que os dominavam em poderes que dominavam o mundo, em síntese, transformavam qualidades da sua própria essência, fossem elas conhecidas ou não, em seres autônomos. Demônios, duendes, bruxas, fantasmas, anjos eram verdades sagradas enquanto o sentimento religioso dominava a humanidade total e unanimemente (FEUERBACH, 2013, p. 63).

Para esse propósito, vamos começar examinando a relação sujeito-objeto, que Feuerbach considera presente no conhecimento. O ponto de partida é a afirmação de que os objetos impõem sua realidade ao homem quando acredita que eles o fazem. No entanto, em contraste com essa primeira afirmação, pode-se entender que, ao falar dos objetos com os quais nos relacionamos, o que estamos afirmando é a correspondência do objeto em relação ao sujeito; ou seja, é a natureza do objeto que se projeta e configura seus objetos devido às suas próprias condições.

Feuerbach analisa essa correspondência também na relação entre nossos sentidos e seus objetos. Os objetos dos sentidos são realidades que podem ser captadas por eles e que correspondem à sua natureza. Essa relação também pode ser analisada na música e na beleza sensível, que só podem ser objeto de sensibilidade para aqueles que possuem essas condições. O mesmo acontece quando se observa com os olhos da razão; isso é uma realidade única para o homem

racional, da qual nenhum outro ser existente desfruta, assim como "Todo planeta tem por isso no seu sol o espelho de sua própria essência" (FEUERBACH, 2013, p. 46).

Isso significa que os objetos com os quais o homem se relaciona não são estranhos a ele, ele não os apreende de uma realidade exterior a ele; pelo contrário, eles são consequência de sua própria objetivação. O que um objeto expressa, em última análise, é a essência do homem, ou seja, sua própria existência, porque é essa existência que confere poder ao objeto. Sem objeto, o homem é nada. Através do objeto, o homem se torna consciente de si mesmo:

[...] toma o homem consciência de si mesmo através do objeto: a consciência do objeto é a consciência que o homem tem de si mesmo. Através do objeto conheces o homem; nele a sua essência te aparece; o objeto é a sua essência revelada, o seu Eu verdadeiro, objetivo. E isto não é válido somente para os objetos espirituais, mas também para os sensoriais. (FEUERBACH, 2013, p. 45).

Tudo isso explica por que Feuerbach dá maior importância ao sujeito sobre o objeto: qualquer que seja o objeto que se apresente à nossa consciência, ele sempre nos conduz à consciência de nossa própria essência. Não podemos atualizar outra coisa sem atualizar a nós mesmos. Essa é uma clara diferença em relação ao idealismo, que afirma que é o ser material que determina o conhecimento, e não o contrário. A soberania que Feuerbach estabelece do sujeito sobre o objeto manifesta a primazia do homem de carne e osso. Portanto, é o homem, como Protágoras afirmava, a medida de todas as coisas (SOUZA, 2012).

Essa breve exposição é suficiente para compreender por que Feuerbach rejeita a ideia de que o conhecimento humano provém de algo externo a ele, como um dom concedido por um ser absoluto. Portanto, ele rejeita a noção de que o objeto do ser humano seja algo que o determine por uma realidade diferente de sua própria essência, mesmo se considerarmos essa realidade como divina. Feuerbach afirma que "O ser absoluto, o Deus do ser humano, é sua própria essência. O poder que o objeto exerce sobre ele é, portanto, o poder de sua própria essência". Pode-se entender essa afirmação a partir de como o ser humano se objetiva a si mesmo (FEUERBACH, 2013, p. 89).

A essência do ser humano concreto: pensamento, vontade e coração ou entendimento, vontade e sentimento são as manifestações de seu ser e o que constitui

a essência da humanidade em si. O ser humano perfeito deve possuir a faculdade do pensamento, a faculdade da vontade e a faculdade do coração. A faculdade do pensamento é a luz do conhecimento, a faculdade da vontade é a energia do caráter e a faculdade do coração é o amor. A razão, o amor e a vontade são perfeições, são faculdades supremas e constituem a essência absoluta do ser humano como ser humano e o propósito de sua existência (SOUZA, 2012).

O ser humano existe para conhecer, amar e querer. Mas qual é o propósito da razão? A razão em si. E do amor? O amor. E da vontade? A liberdade de querer. Conhecemos para conhecer, amamos para amar e queremos para querer, ou seja, para sermos livres. O verdadeiro ser é aquele que pensa, ama e quer (FEUERBACH, 2013).

O verdadeiro, o perfeito, o divino é apenas o que existe por si mesmo. Mas assim é o amor, assim é a razão e assim é a vontade. A trindade divina no ser humano, acima do ser humano individual, é a unidade de razão, amor e vontade. Razão (imaginação, fantasia, ideias, opinião) vontade, amor ou coração são faculdades que o ser humano possui, pois ele é nada sem elas. O ser humano é o que é apenas por essas faculdades, são os elementos que fundamentam seu ser, forças que o animam, determinam e dominam, forças absolutas e divinas às quais não pode opor resistência alguma. Essas faculdades, que são uma manifestação perfeita do ser, possuem em si mesmas o fim e a razão de sua prática e existência. Portanto, Feuerbach rejeita a possibilidade de toda normatividade que provenha de conceitos abstratos construídos a partir de preconceitos. O fim e a razão dessas manifestações do ser são determinados pela própria realidade.

Essas reflexões levam Feuerbach a considerar que a finitude é igual a nada e, conseqüentemente, que todo ser verdadeiro, aquele que possui essas faculdades, é suficiente para si mesmo. Feuerbach também aponta que o ser humano toma consciência de sua realidade vital manifestada em atos e comportamentos, e essa consciência implica autoafirmação e alegria pela própria perfeição. A consciência é característica de um ser satisfeito e pleno, e o amor é o sinal distintivo desse ser.

Enfim, Feuerbach questiona a noção de ser na filosofia especulativa, argumentando que essa noção é um mero fantasma que está em contradição com o ser real, conforme entendido pelo ser humano. Para Feuerbach, o ser deve ser

concreto e real, não uma abstração vazia. Ele afirma que o ser abstrato, desvinculado da realidade, é um absurdo. Para ele, o ser deve ser determinado, existente, real e objetivo (CHAGAS, 2014).

Esta breve exposição é suficiente para compreender a concepção de ser que o filósofo alemão pretende estabelecer em toda a sua empreitada filosófica. Isso equivale a dizer que, após delineadas as diferenças entre a realidade do ser Feuerbachiano e a abstração irreal de seu conceito, o próximo passo de Feuerbach é fazer do ser o princípio e o fundamento do pensamento. O ser, portanto, é o primeiro: O ser é o sujeito; o pensamento, o predicado. A identificação entre pensamento e ser destaca o enclausuramento em que a filosofia especulativa se encontra para sair de si mesma e alcançar o ser. Portanto, a razão deve ser reflexo e autoconsciência do ser; o ser real ou a realidade é vida, e a vida, que é essencialmente movimento, desordem e anarquia, coloca o pensamento em movimento, retirando-o de qualquer posição fixa e despojando-o de toda conceptualização, como pretende o teólogo e filósofo especulativo (SOUZA, 2012).

Fica claro, então, que o ser precede o pensamento; no pensamento, apenas ocorre a consciência do que já se é antes de pensar. Nesse sentido, é importante notar que tomar consciência de si mesmo é voltar o olhar para si mesmo e tomar consciência do que somos; assim, podemos entender como a consciência pressupõe o ser, pois a consciência não é senão o ser tornado consciência. Ao mesmo tempo, podemos compreender que a realidade não é apenas objeto, mas também fundamento, condição e base do conhecimento (CHAGAS, 2014).

Agora é possível entender por que o fundamento do ser é a necessidade da vida. Essa experiência, que é necessária para quem vive, responde à pergunta sobre qual é a causa da existência do mundo? Essa causa é passível de ser pensada por que é indispensável, imprescindível e necessária que o mundo exista, mas tal necessidade não reside na necessidade da existência de outro ser diferente dele, mas por sua necessidade mais própria e intrínseca, pela exigência da necessidade em si, porque sem o mundo não existe necessidade, e sem necessidade também não existiria razão, nenhum entendimento.

3 A VERDADEIRA ORIGEM DA CONCEPÇÃO DE DEUS E DA RELIGIÃO: A HUMANIDADE

Partindo do princípio que, para Feuerbach, a chave para uma compreensão adequada da divindade reside na sua não contradição com a essência real do homem, inicia-se esse capítulo, como mencionado no capítulo anterior, que a antropologia feuerbachiana coloca o homem no centro de si mesmo. Para isso, é fundamental entender que essa conquista emerge da divisão causada no homem pela religião e pela ideia de Deus, que ele próprio concebe.

A religião divide o homem consigo mesmo, pois cria a concepção de Deus como um ser diferente dele. Portanto, o homem se afasta de sua própria essência. Essa separação parece ilógica, considerando o percurso que fizemos até aqui, já que Deus não é, de forma alguma, diferente do homem. Então, quando essa divisão ocorre? Sem dúvida, ocorre na substantivação que o homem faz de sua própria essência em um ser distinto e distante. É importante destacar a importância dada por Feuerbach à luta contra essa dualidade que surge dentro do homem para encontrar sua unidade.

3.1 O ENFOQUE HUMANISTA DE FEUERBACH

No início deste tópico podemos dizer que, segundo Feuerbach, o segredo da teologia está na antropologia. Em outras palavras, a abordagem especulativa da religião sacrifica a religião em prol da filosofia, enquanto a mitologia cristã sacrifica a filosofia em prol da religião. Quando questionamos o segredo ou mistério da teologia, deparamo-nos com a antropologia como resposta a essa questão. Nesse contexto, Feuerbach não busca romper com suas preocupações teológicas, mas sim integrar cada vez mais a teologia abstrata à filosofia, à razão e ao próprio ser humano. Essa redução da teologia à antropologia abre caminho para uma nova filosofia que se opõe à racionalização da teologia pela filosofia idealista.

Assim, a nova filosofia proclamada por Feuerbach faz do homem e da natureza, como sua base, o único, universal e supremo objeto da filosofia. Ou seja, a disciplina universal é a antropologia, que, por sua vez, inclui a fisiologia. Portanto, o homem de

carne e osso é o tema central tanto da teologia quanto da antropologia (CHAGAS, 2014).

Assim, a negação da filosofia de si mesma é fundamental para afirmar a existência do homem real. Este é o processo de redução ao qual Feuerbach submete o pensamento filosófico-teológico como ele afirma no prefácio à segunda edição de **A Essência do Cristianismo**: "Se eu rebaixo a teologia à antropologia, estou apenas elevando a antropologia ao estado de teologia, da mesma forma que o cristianismo, ao transformar o homem em Deus rebaixando Deus ao homem, não fez nada além de elevar o homem a Deus" (FEUERBACH, 2013, p. 47).

Nesse sentido, Feuerbach usa a palavra antropologia em seu sentido mais amplo e geral, não no sentido da filosofia de Hegel ou da filosofia anterior em geral, mas em um sentido infinitamente mais elevado e geral. Portanto, fica claro que Feuerbach defende um antropocentrismo radical. Ao iniciar este trabalho, afirmei que a escolha de Feuerbach entre a divindade e o homem seria pelo homem. Portanto, esta escolha, como mencionamos, tem consequências em seu pensamento pós-hegeliano. Uma dessas conclusões é precisamente a concepção de Deus que ele está desenvolvendo dentro dessas reflexões. Diante de sua escolha, Feuerbach concebe Deus como a essência do homem (CHAGAS, 2014).

Observe-se, neste ponto, algumas de suas afirmações no segundo capítulo de **A Essência do Cristianismo**. Em Deus, o homem não faz nada além de encontrar a si mesmo e girar em torno de si mesmo; "a crença em Deus não é nada além da crença na dignidade humana, a crença na significância divina da essência humana" (FEUERBACH, 2013, p. 153) ou "na infinitude e verdade de sua própria essência" (FEUERBACH, 2013, p. 227) ou na essência abstrata do homem. "Deus, como ser moralmente perfeito, não é nada além da ideia realizada, a lei personificada da moralidade, o ser moral do homem - o próprio ser do homem... a própria consciência do homem" (FEUERBACH, 2013, p. 97). Portanto, a consciência de Deus não é nada além da autoconsciência do homem, conhecer a Deus não é nada além de conhecer a si mesmo. A essência de Deus não se reduz à essência do homem isolada das qualidades específicas que, em um determinado período, constituem as limitações do homem, sejam elas reais ou imaginárias.

Ainda no segundo capítulo de **A Essência do Cristianismo**, destaca-se:

Nossa tarefa é demonstrar precisamente que a contradição entre o divino e o humano é ilusória, ou seja, que não há contradição senão a que existe entre a essência e o indivíduo humanos, e, portanto, o objetivo e o conteúdo da religião cristã são absolutamente humanos. A religião, pelo menos a cristã, é a relação do homem consigo mesmo, ou, melhor dizendo, com sua essência, mas considerada como uma essência estranha. A essência divina é a essência humana, ou melhor, a essência do homem despojada dos limites do indivíduo, ou seja, do homem real e corpóreo, objetivado, contemplado e venerado como um ser estranho e diferente de si mesmo. Todas as determinações do ser divino são as mesmas que as da essência humana (FEUERBACH, 2013, p. 66).

Nesta afirmação, pode-se rastrear a síntese ou núcleo vital de seu pensamento, ou seja, a essência divina é a essência humana subjetivamente humana em sua liberdade e limitação absolutas. Como mencionado antes, o verdadeiro ser é o ser que pensa, ama e quer. Só o que existe por si mesmo é verdadeiro, perfeito e divino.

É preciso repetir, parafraseando Feuerbach (2013) que a consciência que o homem tem de Deus é a consciência que ele tem de si mesmo, o conhecimento de Deus é o conhecimento de si mesmo. Por meio de seu Deus, você conhece como é o homem, e vice-versa, por meio do homem, você conhece como é o Deus dele: ambos são um só. Portanto, podemos concluir que Deus é a manifestação do interior do homem, a expressão de seu Eu. E a religião é apenas a revelação dos tesouros ocultos do homem, o reconhecimento de seus pensamentos mais íntimos, a declaração em alto e bom som de seus segredos de amor (FEUERBACH, 2013).

3.2 A FÉ COMO DIVERGÊNCIA NA NATUREZA HUMANA

Inicia-se esse tópico eliminando a ideia, o pensamento ou a imaginação de um Deus separado e diferente de nós mesmos. Para o cristianismo em particular, a crença na vida feliz consiste na unidade e na relação íntima com Deus. Nesse sentido, Feuerbach descreve a interdependência e a relação inversa entre o homem e Deus, que ao descobrir um enriquece o outro, e vice-versa.

Deus é e tem precisamente aquilo que o homem não é nem tem. Se não aceitarmos essa renúncia, continuaremos como peregrinos em um caminho sem retorno. Não desistir desse percurso equivale a lançar pérolas aos porcos. O homem que glorifica Deus a partir de sua própria abnegação está depositando suas riquezas nas profundezas desses animais (CHAGAS, 2014).

O mesmo ocorre quando "para enriquecer a Deus, o homem deve empobrecer; para que Deus seja tudo, o homem deve ser nada" (FEUERBACH, 2013, p. 77), estamos mais uma vez confirmando o que temos afirmado desde as páginas anteriores, ou seja, que "o homem afirma em Deus o que nega em si mesmo" (FEUERBACH, 2013, p. 77). Essa afirmação nos permite entender por que "o homem nega sua razão na religião" (FEUERBACH, 2013, p. 78). A fé nos leva a negar nosso próprio conhecimento e pensamento, relegando-o a Deus, o que, de acordo com Feuerbach, é um erro fundamental.

Portanto, a filosofia, ao contrário da teologia, que distingue entre as propriedades ativas e passivas de Deus, tem como objetivo transformar as propriedades passivas em ativas, ou seja, converter toda a essência de Deus em atividade humana. Assim, "apenas na ação do homem encontramos o que constitui o ser de Deus ou o que é representado como tal" (FEUERBACH, 2019, p. 65). Em outras palavras, o homem é o que é porque existe. Portanto, o que negamos em nós mesmos, afirmamos em Deus, nossa abstração é depositada no ser supremo.

Isso pode parecer claro, mas vamos examinar minuciosamente essa questão. Devemos observar a riqueza de Deus, que resulta da pobreza do homem. Se, em nossa sociedade atual, os ricos ficam cada vez mais ricos às custas dos pobres, não é errôneo pensar que a pobreza do homem religioso em todos os tempos é sinônimo de suas carências mais íntimas.

Assim, Deus preenche todas as nossas necessidades, escassez, pobreza, infortúnio, desgraça e nudez. Essa situação nos leva a suspeitar que na religião o homem também está renunciando à sua própria essência. Se o Deus professado pela humanidade abriga todas as suas riquezas, então o homem pobre tem um Deus oposto à sua miséria. Podemos inferir que Deus emana de nossas privações. O que não reconhecemos como nosso e que está acima de nossa humanidade, carente e aflita, o que não sabemos ou conhecemos, é o que chamamos de Deus.

3.3 DEUS E A RELIGIÃO: REFLEXO INTERNO DO ANSEIO HUMANO

Feuerbach afirma que a consciência do amor divino, ou seja, a intuição de Deus como um ser humano, constitui o mistério da encarnação, o conceito de Deus se

tornando carne ou se tornando humano. Isso implica que Deus não é uma causa de si mesmo, nem algo que existe independentemente. Em vez disso, é uma pretensão da alma religiosa, motivada pela angústia e necessidade, dar forma àquilo que chama de “o mistério da encarnação” (FEUERBACH, 2013, p. 101). O Deus encarnado é, portanto, "o conceito do gênero, já realizado e individualizado. Deus é apenas o conceito ou a essência da vida absoluta, celestial e bem-aventurada, mas aqui compreendido em uma personalidade ideal" (FEUERBACH, 2013, p. 101). A encarnação de Deus na história confirma a ideia de que Deus não é misterioso ou ininteligível, mas, ao contrário, é algo compreensível e que faz parte da experiência humana. Em essência, isso significa que o homem sempre existiu, pois "ele existia em Deus, já era Deus antes que Deus se tornasse homem, ou seja, Ele se manifestava como homem... No fundo de sua alma, Ele é um Deus misericordioso e humano" (FEUERBACH, 2013, p. 101).

Feuerbach argumenta que a encarnação de Deus não é um ato de fé baseado em especulações abstratas e metafísicas, mas sim uma representação da imaginação humana objetivada. Ele afirma que a encarnação não é um ato de fé baseado em especulações abstratas e metafísicas, mas sim uma representação da imaginação humana objetivada. O desejo humano de ver a Deus, de compreendê-lo e de tê-lo como objeto de devoção é satisfeito pela encarnação, que torna Deus pessoal e acessível (CHAGAS, 2014).

A encarnação, portanto, é uma manifestação do desejo humano de compreender e se relacionar com Deus de uma forma que seja significativa e tangível. Isso também revela que a imagem de Deus é criada pelo homem para preencher suas próprias necessidades e desejos. A compreensão da encarnação como uma expressão do desejo humano nos ajuda a desmistificar a divindade e a perceber que a religião muitas vezes projeta nossos próprios atributos e aspirações humanas em Deus.

Feuerbach argumenta que, na perspectiva do homem religioso, Deus muitas vezes assume o papel do que os seres humanos deveriam ser na natureza. Isso ocorre porque as preocupações e desejos humanos são transferidos para Deus, tornando-o supremo salvador e garantidor da felicidade humana. O autor enfatiza que o interesse e a preocupação de Deus pela humanidade são essencialmente iguais ao

que as pessoas querem e desejam. Em outras palavras, sugere-se que a religião muitas vezes diviniza os interesses e desejos humanos, transformando-os em atributos de Deus.

O autor também aponta que ele não está tentando negar a ideia de providência como um todo. Sua preocupação central está na forma como a providência é corrompida pelo conteúdo religioso. Feuerbach argumenta que a religião tende a separar o homem da natureza da qual ele faz parte como um ser animado e funcional. Ele acredita que, como parte da natureza, os seres humanos deveriam se sentir em harmonia com ela e reconhecer sua ligação com a origem de tudo o que é natural (FEUERBACH, 2013).

No entanto, argumenta-se que a religião muitas vezes impede essa conexão ao introduzir uma concepção de providência que está ligada aos interesses religiosos. Isso leva as pessoas a acreditarem em um Deus que age de acordo com seus próprios interesses e, como resultado, separa o homem da natureza e de si mesmo.

Para Feuerbach (2013), a crença em Deus, na verdade, reflete a crença na importância da essência humana. Ele sugere que a divindade é, na realidade, uma representação da humanidade, e a crença em Deus é, de fato, a crença na importância e no significado da essência humana. A ideia de Deus, então, serve para distanciar a personalidade humana do mundo natural, mas isso tem um preço, pois aliena o homem de sua própria natureza e do mundo ao seu redor.

3.4 A NATUREZA DA FÉ É A NATUREZA DO SENTIMENTO

O aspecto mais difícil, aqui como em qualquer problema, é diferenciar e tentar definir cada um dos termos e encontrar sua relação e encaixe. Mas, o que importa desta vez é destacar que a fé tem seus efeitos na vida do crente, mas, acima de tudo, ela nos registra no homem religioso o que ele é capaz de fazer para se afirmar como ser real e concreto.

O primeiro ponto que se pode observar é que a fé no poder da oração, como diz Feuerbach, é análoga à fé no poder dos milagres. Analisando mais detalhadamente cada um desses pontos, verifica-se que:

A fé não é mais do que a certeza confiante da realidade, ou seja, validade e verdade incondicional do subjetivo em oposição aos limites, ou seja, às leis da natureza e da razão. Portanto, o objeto característico da fé é o milagre. Fé é fé em milagres, fé e milagres são absolutamente inseparáveis (FEUERBACH, 2013, p. 173).

Guiados pelas afirmações que precedem este argumento, pode-se ler a partir de uma perspectiva hermenêutica na citação anterior que a fé é o que internamente anima o milagre, por isso o autor diz que “o milagre é a face externa da fé. E a fé é a alma interna do milagre” (FEUERBACH, 2013, p. 173). Esta concepção do milagre e da fé, na linguagem da oração, faz da fé a melhor expressão para tornar possível o impossível e impensável na natureza.

O problema não está em acreditar, não é a própria crença, porque acreditar não significa necessariamente professar uma fé religiosa, o dilema está em negar nossa afirmação como seres humanos reais e concretos quando pensamos que a fé serve como guia para o incenso que se eleva sobre os seres humanos e chega ao entendimento de Deus. Essa contradição é a que Feuerbach combate incansavelmente, daí também a nossa dinâmica argumentativa; não é justo nem necessário renunciar à essência em nome da fé (SOUZA, 2012, p. 87).

Em qualquer milagre bíblico ou evento sobrenatural que a fé em geral professa, a fé manifesta seu poder tornando o milagre uma evidência sensível e tangível de sua onipotência. A fé transcende os limites da razão, da emoção e da natureza; a transcendência do sentimento nos lança ao mundo do sobrenatural, e isso constitui a essência da fé (FEUERBACH, 2013).

3.5 A PERCEPÇÃO FEUERBACHIANA DA NATUREZA DIVINA COMO ANTROPOLÓGICA

Aqui, vamos seguir a reflexão desenvolvida por Feuerbach, quanto à origem antropológica da natureza do divino, ligada, segundo ele, à um processo de objetivação de elementos da interioridade dos indivíduos. Na objetivação de todo desejo e sentimento humano, a fé ganha significado quando a coloca em contradição com os limites próprios e soberanos do pensamento e da natureza. O que se lê antropologicamente nos milagres que são dons da fé? Desejos humanos em pleno galope, livres dos vínculos da razão natural, em outras palavras, olhando para o céu

com os pés sobre terreno baldio. Então, por que se deleitam com a fé? Simplesmente porque ela alcança a felicidade tão desejada pelos homens. Como se tem enfatizado, ela satisfaz seus desejos mais íntimos, ou seja, o que a razão e a natureza negam é sua vitória. Sem dúvida, essa vitória, lida de forma negativa, confirma apenas que a fé não é mais do que a fé na divindade do homem, o que é, então, a fé senão a certeza do homem sobre si mesmo, a segurança indubitável de que seu próprio ser subjetivo é o ser objetivo, mais ainda, o ser absoluto, o ser dos seres.

Assumir a tarefa de reconhecer no mistério da fé e do milagre o homem como a verdadeira origem de Deus e da religião é um trabalho que implicitamente revela a verdade e a falsidade no seio da religião cristã. Não é surpreendente, então, que estão constantemente afirmando de várias maneiras que **o homem é o que deseja**.

Esta é uma das razões pelas quais podem entender por que a fé em Deus, que não passa de subjetividade livre de seus limites, faz da fé uma força invencível e não limitada pelas representações ou necessidades do homem. Por que têm essa certeza? Feuerbach enfatiza que quando se acredita em Deus, o que se está fazendo é garantir sua existência; assim, Deus se torna uma necessidade vital e existencial para os seres humanos (CHAGAS, 2014).

Portanto, não deve surpreender que Deus seja exatamente como o homem crente o considera. O que isso lhes diz abertamente? Que a essência de Deus não é mais do que a essência da fé. Não é arbitrária para Feuerbach essa argumentação, pois ele constata em sua reflexão que a essência da fé encarna milagrosa e misteriosamente seus desejos. Este ponto de vista lhes mostra o que mencionamos linhas atrás: o homem como medida de seus desejos. Esse homem que deseja é, portanto, a essência real e viva da fé (SOUZA, 2012).

Aprofundemos um pouco mais no que estão afirmando. Deus como ideia necessária do homem o protege sob a sombra de suas asas de todo mal, perigo e tentação. Essa benevolência de Deus lhes oferece proteção e confiança de que tudo é possível de alcançar ou suportar quando estão de mãos dadas com Deus; assim, se Deus é favorável, nada é contra aquele que tem sua confiança em seu protetor. Portanto, é dedutível e concebível que ele é Deus: Se acreditam que nada pode ser ou é contra ele, que nada o contradiz, então acreditam no quê? Nada menos que ele

é Deus. Que Deus seja um ser diferente é mera aparência, imaginação. Que Ele é sua própria essência, o afirmam quando confessam que Deus é um ser para ele.

Aqui chegamos, fiéis ao pensamento feuerbachiano, a um ponto crucial. Afirmar que o homem é Deus não deveria ser escandaloso para a ortodoxia cristã, pois essa afirmação não é nada menos do que reconhecer o que realmente sempre foram: seres humanos. Sua própria essência, mas diferente de si mesmos, como existem atualmente, neste mundo e neste corpo, idealmente objetivada, é Deus. Materialismo incrédulo? Não, pelo contrário, credulidade sensível ou realidade crédula, ou melhor, materialismo orgânico.

Para entender melhor o que acabamos de dizer, não percam de vista o contexto filosófico em que estão imersos: a transformação e dissolução da teologia na antropologia - e fisiologia - é a missão dos tempos modernos, ou seja, a realização e humanização de Deus, como mencionamos em outro lugar. Bem, mais acima indicamos que o homem é Deus, o que isso significa? Significa que ele se torna consciente das possibilidades de seus desejos e do anseio de ser satisfeito em suas preces e ofertas.

Que melhor maneira, então, do que fazer dos milagres um suporte que os mantenha de pé diante das adversidades e frustrações da vida. Mas o que perdem? Sua sensatez. Negar a humanidade do homem é desumanizá-lo, é arrancar-lhes sua natureza, é abstrair do mundo e do universo em que só podem respirar, se alimentar e existir. Certamente, o poder concedido ao milagre os torna a cura dos cegos, a saciedade da fome dos indigentes, devolve o movimento ao paralítico e ressuscita os mortos, como aconteceu com Lázaro, enfatiza Feuerbach em **A Essência do Cristianismo**.

O que caracteriza a natureza dos milagres é que eles anulam os meios que conduzem a um fim. Isso leva Feuerbach a considerar que nos milagres se percebe a satisfação de um fim sem meios. Vamos entender o que essa observação significa: É possível pensar em um milagre?

Falar de um fim sem meios é a mesma coisa que perceber a relação imediata entre a facticidade do desejo e sua satisfação. Ou seja, nos milagres, a realidade mágica e o desejo são uma coisa só, uma relação direta sem a necessidade de caminhos intermediários, e é por isso que a magia e o milagre são, de acordo com

Feuerbach, antíteses do pensamento e da objetividade. Que o desejo seja a própria essência da magia e do milagre é precisamente o que lhes mostra o homem ao transformar o mundo e torná-lo humano.

4 OS LIMITES DA CRÍTICA DE FEUERBACH

Neste capítulo, explora-se as limitações da crítica de Feuerbach em relação ao cristianismo, considerando as perspectivas de pensadores contemporâneos, como Urbano Zilles. Enquanto Feuerbach desempenhou um papel importante ao analisar a religião como uma projeção da humanidade, este capítulo se concentra nas contra críticas e reflexões que destacam as áreas em que sua abordagem pode ser questionada.

4.1 CRÍTICA A CONCEPÇÃO FEUERBACHIANA DA RELIGIÃO

Como visto e em suma, para Feuerbach, na causa de todo desejo e sentimento humano, a fé ganha significado justamente quando se coloca em contradição com os limites próprios e absolutos da lógica do pensamento e da natureza. O que se lê nos contextos de milagres, que são dons da fé? Os desejos humanos livres dos vínculos da razão natural, afirma o pensador alemão. Então, por que, apesar disso, os humanos se agradam com a fé? Simplesmente porque ela alcançaria a felicidade tão desejada pelos homens. Como se tem destacado, ela ocupa os desejos mais íntimos, ou seja, o que a razão e a natureza negam, impondo impossibilidade de realização, é sua vitória. Assim, segundo a interpretação de Feuerbach, essa vitória, lida de forma negativa, confirma apenas que a fé não é mais do que a fé na divindade do próprio homem. O que seria, então, a fé senão a certeza do homem sobre si mesmo, a segurança positiva de que seu próprio ser pessoal é o seu objetivo, mais ainda, o ser absoluto, o ser dos seres: aquele capaz de produzir, pelo desejo e pela imaginação histórica, sua realidade e os objetos de sua própria crença.

Segundo Feuerbach, cabe à filosofia assumir a tarefa de reconhecer no mistério da fé e do milagre o homem como a verdadeira origem de Deus e da religião, num trabalho que revelaria a verdade e a falsidade da religião cristã, de modo específico, e da religião em geral.

Feuerbach destaca que quando se acredita em Deus, o que se está fazendo é garantir sua existência; assim, Deus se torna uma necessidade básica e viva para os seres humanos (CHAGAS, 2014).

Com isso, o pensador conclui que não deve surpreender que Deus seja exatamente como o homem crente o considera. Ou seja, que a essência de Deus não é mais do que a essência da fé, sendo esta expressão dos desejos humanos de autorrealização. Este ponto de vista mostra o que mencionamos linhas atrás: o homem como medida de seus desejos. Esse homem que deseja é, portanto, a essência real e viva da fé (SOUZA, 2012).

Deus como ideia necessária do homem o protege sob a sombra de suas asas de todo mal, perigo e tentação. Essa bondade de Deus oferece proteção e confiança de que tudo é possível de alcançar ou suportar quando se está de mãos dadas com Deus; assim, se Deus é favorável, nada é contra aquele que tem sua confiança em seu protetor. Portanto, é concebível que o crente mesmo é Deus, que sua confiança no ser maior como garantia de bênçãos e proteção é, ela mesma, o ser divino abstraído pelos homens. Que Deus seja um ser diferente é, portanto, mera aparência, imaginação.

De acordo com o pensamento feuerbachiano, afirmar que o homem é Deus não deveria ser escandaloso para a ortodoxia cristã, cujo principal propósito é a defesa da verdade, pois essa afirmação não é nada menos do que reconhecer o que realmente sempre foi: Deus como sonho humano na possibilidade da realização de tudo.

A partir dessa base reflexiva, Feuerbach opera, intelectualmente, a transformação da teologia em antropologia e, mais radicalmente, em fisiologia. Na perspectiva do próprio filósofo, o que ele faz é apenas demonstrar que o desenvolvimento da teologia é um exercício imaginativo de antropologia. Essa seria a missão dos tempos modernos.

Após explorar diversos aspectos da interpretação de Feuerbach sobre a religião, é apropriado destacar elementos que possam contribuir para uma análise crítica desse sistema filosófico. Ao propor a redução da teologia à antropologia, Feuerbach introduz uma nova abordagem na concepção da religião. No entanto, essa redução não exclui o discurso teológico como uma fonte válida de conhecimento, pois uma compreensão mais profunda da natureza humana pode surgir do encontro de perspectivas, da interdisciplinaridade entre as ciências.

Isso não diminui a profundidade da reflexão de Feuerbach sobre a relação entre o ser humano e a religião. Por outro lado, a abordagem materialista proposta por

Feuerbach para lidar com o fenômeno religioso, que essencialmente envolve a projeção de uma vida futura para a realização da essência humana, parece conter uma contradição. Isso ocorre porque o referencial para o aspecto material e objetivo da existência ainda se baseia na essência humana, um conceito profundamente influenciado pelo contexto semântico da metafísica. Isso sugere que há algo no ser humano que não é puramente material, uma vez que sua abertura para o transcendente, mesmo que seja uma projeção de si mesmo, testemunha sua busca por sentido na vida. O mesmo raciocínio pode ser aplicado ao conceito de Deus. Mesmo que Feuerbach o negue em sua tentativa de fundamentar todas as respostas na existência humana, esse ser humano possui uma dimensão espiritual e compartilha uma essência com toda a humanidade. Se o homem não pode encontrar todo o sentido de sua vida recorrendo à metafísica, o mesmo pode ser dito em relação à simples materialidade (ECCO; FILHO, 2016).

Concordando ou não com a crítica feuerbachiana, é importante reconhecer sua relevância contínua. Muitos ateus contemporâneos continuam a buscar argumentos inspirados em suas ideias. Por um lado, buscam fundamentar novas teses, por outro, tentam superar os mal-entendidos. No entanto, hoje em dia, podemos ver que nem todas as previsões de Feuerbach se concretizaram. O ateísmo também enfrenta desafios. A relação entre religião, política, teologia, Bíblia, trabalho, oração, céu e terra é complexa e não pode ser facilmente resumida. Onde Deus é mal compreendido, é também mal compreendido ou humano (ZILLES, 2021).

Essas reflexões continuam a ser próprias para a sociedade contemporânea, onde a relação do homem com o sagrado é frequentemente caracterizada por um movimento junto de aproximação e rejeição. É um lembrete de que as questões religiosas e filosóficas são complexas e desafiam respostas definitivas.

4.2 REDUACIONISMO E COMPLEXIDADE DA RELIGIÃO

Considerando a análise do teólogo Zilles (2021), uma das principais limitações na abordagem de Feuerbach é a simplificação excessiva da religião, que a reduz a uma mera projeção humana. Isso pode ser considerado um risco, pois não leva em

consideração a riqueza e a complexidade das tradições religiosas, que frequentemente incluem elementos espirituais e metafísicos mais profundos.

Feuerbach, ao enfatizar a dimensão antropológica da religião, pode esquecer aspectos da fé que têm um profundo significado espiritual e transcendental para as pessoas. Zilles (2021) destaca a importância de reconhecer que a religião não pode ser somente reduzida a uma projeção das necessidades humanas, pois também envolve a busca por um relacionamento com o divino, o sagrado e o transcendental. Essa crítica ressalta que a religião não pode ser completamente explicada apenas como um produto da psicologia humana, mas deve ser entendida em sua dificuldade espiritual e metafísica.

Portanto, a limitação apontada por Zilles (2021) é que a abordagem de Feuerbach pode não captar completamente a profundidade e a diversidade das experiências religiosas e das tradições religiosas, já que tende a enfatizar a dimensão humana da religião em detrimento de seus aspectos espirituais e metafísicos mais profundos. Isso destaca a necessidade de uma compreensão mais holística da religião que leve em consideração tanto os aspectos antropológicos quanto os espirituais. Outra limitação da abordagem de Feuerbach é a questão de se a religião é verdadeiramente elevada ou se também pode ser dar poder para os indivíduos. Feuerbach argumenta que a religião muitas vezes aliena as pessoas, levando-as a se distanciar de sua própria humanidade ao adorar um Deus projetado. No entanto, destaca que a religião não é ressaltada somente, mas também pode ser uma fonte de conforto, orientação moral e significado para muitas pessoas.

Essa crítica enfatiza que a religião desempenha papéis variados na vida das pessoas. Ela pode proporcionar um senso de comunidade, ajudar a lidar com a incerteza e oferecer conforto em tempos difíceis. Além disso, a religião frequentemente fornece uma estrutura moral que orienta as escolhas e comportamentos das pessoas. Portanto, a religião pode ser vista como uma força que contribui para o bem-estar emocional e moral de indivíduos e comunidades.

Essa perspectiva de Zilles (2021) destaca a importância de reconhecer que a relação entre religião e desinteresse não é medida. A religião pode ser tanto alienante quanto dar poder, dependendo de como é praticada e experimentada. Portanto, a crítica à abordagem de Feuerbach lembra-nos da complexidade da religião e da

necessidade de uma análise mais matizada e equilibrada em relação aos seus impactos na vida humana. A religião, por meio do contato com a materialidade, cria um Deus imaterial e uma alma a partir do corpo. Essa visão sugere que o transcendente só pode ser considerado e afirmado por meio da experiência sensível. Essa inversão é contrastada com a filosofia tradicional, na qual o homem considera sua razão como independente dos sentidos, o que é um erro. Lopes argumenta que, assim como o divino, a moralidade também tem suas raízes na sensibilidade (LOPES, 2011).

Segundo essa perspectiva, tanto a filosofia especulativa quanto a religião excluem a totalidade do homem, ou seja, sua sensibilidade. Como afirmado por Feuerbach (2023), a diferença entre o pensamento divino e o pensamento metafísico se resume a uma diferença na imaginação, entre o pensamento meramente representado e o pensamento real. Isso não significa que o homem não seja capaz de desconsiderar ou pensamento, mas implica que essa capacidade só se realiza após o contato com o sensível.

Zilles (2021) aponta que, apesar das críticas recebidas, Feuerbach sempre teve como objetivo esclarecer a profunda essência de Deus em sua filosofia. Seus esforços permaneceram centrados na ideia de libertar o homem de seu estado de exploração voluntária pela religião. Interpreta que o principal objetivo de Feuerbach era compreender a religião, que ele de propósito transformava em antropologia, tanto em sua obra *A Essência do Cristianismo* quanto em *A Essência da Religião*. A separação entre essas duas obras está no fato de que em *A Essência do Cristianismo*, o Deus abstrato (Cristão) é identificado como a própria essência humana, composta por "razão, vontade e coração" (FEUERBACH, 2012, p. 36).

Por outro lado, em sua obra *"A Essência da Religião"*, Feuerbach explana todo o processo de objetivação da religião, fundamentado na natureza como o suporte da religião, devido ao medo e à dependência, sentimentos naturais que são elevados à categoria divina. Em outras palavras, "a essência divina que se manifesta na natureza não é outra coisa senão a própria natureza, que se revela e se apresenta ao homem como um ser divino" (FEUERBACH, 1989, p. 29).

4.3 ANÁLISE DAS CONSEQUÊNCIAS ATEÍSTICAS

Feuerbach explorou as profundezas do sentimento religioso humano, explicando Deus por meio da antropologia e, por consequência, abrindo caminho para interpretações ateísticas. O ateísmo em Feuerbach não se baseia apenas na negação do objeto (Deus), mas principalmente na compreensão dos atributos divinos, os quais são reduzidos através da compreensão da história humana, resultando na negação da metafísica e da divindade. Como ele afirma, "a consciência divina é nada mais do que a consciência de si mesma como uma entidade absoluta ou divina". Para entender a unidade entre os atributos divinos e humanos, e, com isso, perceber a unidade entre a essência divina e a humana, recorre-se à teoria de que Deus, como um ser infinito, possui uma infinita quantidade de atributos, dos quais conhecemos apenas alguns que são análogos ou semelhantes (FEUERBACH, 2013, p. 53).

Após criticar todo o sistema cristão, Feuerbach percebe a possibilidade de um futuro sem a existência de deuses. Ele pede por uma nova forma de filosofia que abandone a metafísica e se baseie na valorização do ser humano em união com a natureza. Feuerbach propõe uma filosofia materialista fundamentada na realidade sensorial. Ele não defende um materialismo sobrenatural, mas sim um materialismo que se baseia nos próprios sentidos, que são objetos da razão e que servem como limitadores do conhecimento. Em outras palavras, "os conceitos não representam diretamente o mundo, mas apenas falam sobre ele" (LOPES, 2011, p. 52).

Feuerbach argumenta que o sentimento religioso é ateísta no sentido de que nega a crença ortodoxa que associa a religião a um objeto exterior. Pelo contrário, o sentimento religioso é uma experiência autônoma. A negação, nesse contexto, é vista como uma negação de Deus (FEUERBACH, 2013, p. 43).

É importante compreender que Feuerbach não era um ateísta no sentido de querer destruir completamente a religião. Ele estava mais interessado em resgatar a verdadeira essência da religião das mãos dos teólogos do que em eliminá-la por completo. Feuerbach demonstra sua abordagem única para a filosofia ao afirmar que não está em busca de sistemas, mas sim da realidade. Ele até recusa o título de filósofo, afirmando que é apenas um pesquisador intelectual da natureza (Gay, 2012).

FONSECA (2015) argumenta que o ateísmo de Feuerbach não deve ser entendido como uma crítica radical a Deus. Em vez disso, a compreensão de Deus por Feuerbach é baseada em fundamentos antropológicos e não é ativo. Ele

reconhece que os fundamentos do fenômeno religioso são essenciais para a formação da consciência humana, mas essa consciência é frequentemente alienada e precisa ser reconhecida por si mesma para alcançar sua plena liberdade. Como Feuerbach afirma, "a religião é a divisão do homem consigo mesmo: ele estabelece em Deus um ser colocado diante dele" (FEUERBACH, 2013, p. 63).

Feuerbach acreditava que a ciência era mais eficaz que a religião em lidar com os problemas físicos da humanidade. No entanto, ele também reconhecia que a religião aborda questões mais profundas que muitas vezes não podem ser resolvidas através do pensamento científico. A ciência tem suas barreiras e limites, e é importante reconhecer essa realidade para evitar arrogância. Como ele observa, "a ignorância desses limites nos leva a uma nova arrogância" (FONSECA, 2015, p. 35).

Zilles (2021) enfatiza a importância de compreender a religião em sua totalidade, reconhecendo os benefícios que ela traz para a humanidade. É claro compreender que a filosofia de Feuerbach não busca estabelecer uma moral exclusivamente através da negação da metafísica e da divindade, mas sim demonstrar que a vontade moral tem suas raízes no mundo dos objetos, na sensibilidade, onde não há uma separação real entre corpo e espírito. Argumenta que a religião é verdadeira em necessidades humanas, assim como a necessidade de alimento. A religião é uma forma de vida humana, um modo de relacionamento com os outros e uma tentativa de estabelecer uma ética, mesmo que seja aplicada no além, para ser vivenciada aqui na terra. Ela serve para sustentar as fragilidades humanas que não são adequadamente atendidas por outras formas de experiência humana.

Desta forma, a análise dessas perspectivas nos mostra a dificuldade da filosofia de Feuerbach, que aborda tanto as limitações da religião quanto seu valor e, ao mesmo tempo, destaca a importância de compreender o papel das necessidades humanas e a busca por um entendimento mais profundo da existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso buscou explorar a perspectiva singular de Feuerbach sobre a relação entre filosofia e religião, destacando sua obra **A Essência do Cristianismo** como um marco fundamental para a compreensão das bases antropológicas e psicológicas subjacentes às crenças religiosas. Feuerbach empreendeu, em seu pensamento filosófico, uma redução antropológica da divindade, direcionando seu olhar crítico para a natureza humana em busca de compreender a essência real e concreta da existência humana e religiosa.

O cerne dessa reflexão foi o reconhecimento da importância de fundamentar as crenças religiosas em princípios racionais, além do âmbito da fé. Feuerbach nos lembrou de que a verdade não se encontra apenas no pensamento abstrato, incluindo as crenças, mas na totalidade da vida humana, com sua concretude que exige respostas igualmente concretas. Portanto, a religião e a espiritualidade devem ser compreendidas à luz da razão, não apenas da fé.

A abordagem filosófica de Feuerbach representa uma mudança significativa da filosofia especulativa que predominava em sua época, na qual a teologia pseudo-metafísica estava entrelaçada com a filosofia. O autor desafiou essa tendência ao enfatizar a realidade sensível como ponto de partida para a busca da verdade. Ele colocou o homem como o princípio, o centro e o fim de toda existência, promovendo uma antropologia que valoriza a intuição sensível imediata sobre a abstração teológica.

Portanto, a mensagem central de Feuerbach é que o homem é o verdadeiro originador da religião e de Deus. Isso não deve ser interpretado como um ataque à espiritualidade, mas como uma chamada à compreensão responsável e à busca de fundamentos racionais para as crenças religiosas. A religião, quando vista dessa maneira, pode, ao menos até certo ponto, coexistir harmoniosamente com o pensamento crítico e a filosofia. Isso não significa a negação da radicalidade da compreensão da origem antropológica da religião pelo pensador alemão.

Em termos metodológicos, este estudo bibliográfico empregou uma abordagem crítica e interpretativa, analisando de perto a obra de Feuerbach e contextualizando-a no cenário filosófico e religioso do século XIX. Além disso, explorou as implicações

contemporâneas das perspectivas feuerbachianas, destacando a relevância contínua de seu pensamento para a relação entre filosofia, religião e autoconhecimento humano.

Feuerbach adotou uma abordagem antropológica ao explorar a religião, vendo Deus não como entidade transcendente e autônoma, mas como uma projeção das necessidades e dos desejos humanos. Nesse contexto, Deus é compreendido como uma realidade psicológica ou criação da mente humana, refletindo as aspirações e anseios do homem.

No entanto, as interpretações também ressaltam que a religião não pode ser simplesmente reduzida a uma ilusão alienante e fator de retrocesso, como argumenta o filósofo. A religião desempenha diversos papéis na vida das pessoas, proporcionando conforto, orientação moral e significado. Portanto, a religião, ainda que contenha alguma dimensão alienante, também pode ser o principal fator de organização social e empoderadora.

Feuerbach não se encaixa estritamente na categoria de ateuista militante. Buscava resgatar a verdadeira essência, isto é, origem, da religião das interpretações teológicas, segundo ele, distorcidas, enquanto reconhecia que a religião aborda questões profundas e necessidades humanas que não podem ser facilmente resolvidas pela ciência. O filósofo argumentava que Deus era, em última análise, uma projeção das características humanas, o que levava à conclusão de que a religião refletia a busca do homem por uma compreensão mais profunda de si mesmo.

Feuerbach também apontava para as limitações tanto da ciência quanto da religião na compreensão completa da experiência humana. A religião lida com questões que não podem ser facilmente abordadas pela ciência, enquanto a ciência tem suas próprias barreiras e limitações.

Em última análise, a filosofia de Feuerbach continua a desafiar o pensamento contemporâneo, incentivando reflexões sobre a natureza da religião, a relação entre Deus e o homem, a complexidade das necessidades humanas e a interação entre ciência e religião. Sua abordagem oferece um terreno fértil para a exploração das complexidades da experiência humana e da busca por significado na vida. Ela nos lembra da importância de questionar e compreender nossas crenças religiosas de maneira racional e amadurecida, mantendo a busca pela verdade como um

compromisso constante. Sua interpretação desafiadora continua a inspirar reflexões críticas sobre a religião, a filosofia e a própria crítica à religião, convidando-nos a explorar as profundezas da condição humana em busca de significado lúcido e compreensão defensável.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. E. F. DE. Feuerbach e a fundação sensível da filosofia: imediatidade e mediação na relação Eu-Tu. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 55, p. 247–263, jun.2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/kr/a/nKJv4YJLbscfQxjtRxmVrBN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 18 ago. 2023.

CHAGAS, E. F. A religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. **Revista Dialectus**, Ano 2, n. 4, janeiro/junho, 2014. Disponível em: <<https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2012/06/A-religi%C3%A3o-em-Feuerbach-Eduardo-Chagas.pdf>>. Acesso: 30 set. 2023.

_____. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. **Trans/Form/Ação**, v. 36, p.63–84, ago. 2013.

ECCO, C.; FILHO, J. R. F. M. Ateísmo e Religião em Ludwig Feuerbach: uma aposta na essencialidade do humano. **Caminhos**, v. 14, p. 325, 28 out. 2016.

FEUERBACH, L. **A essência da religião**. Tradução de José da Silva Brandão. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

_____. **A essência do cristianismo**. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

_____. **Princípios da Filosofia do Futuro**. São Paulo, 2019.

FONSECA, F. T. DA. **Religião e Direito no Século XXI - A Liberdade Religiosa no Estado Laico**. Curitiba: Juruá Editora, 2015.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo** / Peter Gay ; tradução de Denise Bottmann; consultoria editorial Luiz Meyer. – 2ª Ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2012. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/87002.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2023.

HERVIEU-LÉGER, D. H.; WILLAIME, J. P. **Sociologia e religião: Abordagem clássicas**. 1. ed. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2009.

LOPES, R.W. **Antropologia e moral em Ludwig Feuerbach: Determinação eudaimônica e autodeterminação humana**. 2011. 251 p. Tese de doutorado (Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewerng/viewer?url=https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2867/1/431939.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2023.

SAYERS, S. Individual and Society in Marx and Hegel: Beyond the Communitarian Critique of Liberalism. **Science & Society**, v. 71, n. 1, p. 84–102, 2007. Disponível em: <

<https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=bbe5fcf253031ef3a5ef52180afd8c54aa1351d2>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SOUZA, D. G. de. **O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ZILLES, U. **Situação atual da Filosofia da religião**. Rev. Trim. Porto Alegre. V. 36. Nº 151. P. 239-271. Mar. 2006. Disponível em: <

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1676/1209>>. Acesso em: 14 NOV. 2023.

_____. **Feuerbach: sua crítica da religião e seu ateísmo**. Em *Filosofia da Religião*. São Paulo: Paulus, 1991. pág. 99-120. (Coleção Filosofia).

_____. A crítica da religião na modernidade. **INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade** / v. 3n. 4 / p. 37-54 / 2008. Disponível em: <

<https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6707/6134>>. Acesso em: 20 nov. 2023.